

**A ESCOLA EM CONTEXTO
SOCIOLINGÜISTICAMENTE COMPLEXO E O
APAGAMENTO DAS MINORIAS ÉTNICO-
LINGÜÍSTICAS NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**

**THE SCHOOL INTO A COMPLEX
SOCIOLINGUISTIC CONTEXT AND THE
SUPPRESSION OF ETHNIC-LINGUISTICS
MINORITICS IN THE LITERACY PERSPECTIVE**

Maria Ceres Pereira¹

RESUMO

Propõe-se discutir, a partir da noção de contexto sociolingüístico complexo, as relações que se estabelecem entre letramento e construção de identidade de crianças/adolescentes imersos em tal contexto. Igualmente, procuram-se estabelecer as implicações inerentes a estas questões focalizadas com os impactos por ocasião da escolarização. Dentro desta perspectiva, o artigo localiza-se a partir dos pressupostos da Lingüística Aplicada, da Sociolingüística Interacional e a pesquisa abordada, na seqüência, centra-se nas bases da Etnografia de base americana cujo principal teórico é Frederick Erickson.

Palavras-chave: letramento, escola, identidade étnico-lingüística

ABSTRACT

I intend to study the relationship between literacy and identity construction by children and teenagers taking as framework the notion of a sociolinguistically complex context. I intend discuss the inevitable implications of the formal education impact on these points. Frederik Erickson and the Eography Theory, as well as Applied Linguistics and Interactional Sociolinguists frameworks have directed the discussion in this article.

Key words: literacy, school, language identity

¹ Doutor em Lingüística Aplicada/UNICAMP - Prof. Adjunto da Unioeste/Facipal/PR – Brasil
Texto elaborado para comunicação apresentada no International Conference of Literacy –
Cape Town. South África. 2001.

1. Do Entendimento de um Contexto Sociolingüístico Complexo

A caracterização de um contexto sociolingüístico complexo envolve vários aspectos, dentre eles, a coexistência de várias línguas, as diversidades dialetais intercompreensíveis ou não, as formas culturais das interações sociais, as crenças, as atitudes em relação ao “diferente”. Dentro desta perspectiva, que relações se estabelecem com a escola? Como se constroem as identidades daqueles pertencentes aos grupos vistos e/ou tidos como minoritários? Como o letramento se coloca, nestas relações, para os sujeitos imersos em tais comunidades sociolingüísticamente complexas?

No Brasil e mais particularmente, na região Oeste do Paraná, encontram-se cenários identificados doravante como sociolingüísticamente complexos. Isto se deve pela coexistência das línguas de imigração (alemão, italiano e o espanhol da fronteira) cuja complexidade se acentua com a presença das línguas indígenas faladas pelos Kaingang, pelos Avá-Guarani que vivem em tal região. Outro fator significativo se explicita no movimento migratório vivenciado por brasileiros que se deslocaram para o Paraguai e, atualmente retornaram para o Brasil. Os filhos destas famílias iniciaram sua escolarização em espanhol, passando a carregar o estigma de se verem identificados com paraguaios. E, na busca da constru-

ção de suas identidades, argumentam sempre que podem, a raiz de suas identidades de brasileiros.

Resta de um lado, a esperança do reconhecimento desta identidade e, por outro, o silenciamento que grandemente contribui para o apagamento dos traços identificatórios com a minoria estigmatizada. A escola passa, neste caso, a ser uma espécie de arena onde estas relações conflitantes se estabelecem e se debatem em busca de soluções que se entrecruzam com o contexto macro da sociedade.

Dada a caracterização do que, neste trabalho, se está tratando por contexto sociolingüísticamente complexo, faz-se mister construir em que bases o letramento se coloca para os sujeitos representantes de minorias étnico-lingüísticas. Minorias estas que nem sempre o são tão minorias. Em muitas das vezes, trata-se de uma maioria categorizada como minoria por força das questões sócio-políticas e econômicas.

Feita esta explanação sobre o que se entende, neste trabalho, por contexto sociolingüísticamente complexo em relação à região oeste paranaense, resta passar ao recorte para o fim desta apresentação. Em outras palavras, dadas as considerações postas inicialmente, interessam sobremaneira, abordar como o letramento se coloca nesta relação no que tange às práticas sociais da comunidade macro, no momento da escolarização, contexto micro. Para-

lealmente, interessam os aspectos voltados à construção de identidades das crianças/adolescentes filhos de brasileiros que se deslocaram para o Paraguai.

2. Letramento: Práticas e Eventos, reflexos na escolarização

Certamente pela falta de uma palavra própria em nosso repertório lingüístico, a palavra *letramento* surge, cunhada por Mary Kato em 1986, hoje já dicionarizada, para dar conta de estudos voltados tanto às práticas quanto para os eventos sociais nos quais a leitura e a escrita tomam lugares.

Na busca de tentar explicitar o que é letramento, parto de três autores relevantes para esta proposta; ou seja, Barton: 1994, Soares: 1998 e Kleiman: 1999.

Assim, na seqüência, apesar de que esta não será seguida de maneira muito regular, Barton (op. cit.) discute letramento na perspectiva das práticas e dos eventos sociais, em outras palavras, o autor busca as bases através das quais passará discutir letramento. Nesta perspectiva, propõe fazer-lo a partir da idéia da metáfora. Desta forma, uma das metáforas por ele usada, é a do *iletramento* que, na sociedade em geral, é visto como um “mal a ser erradicado”. Em suma, é algo que se reporta à idéia de doença e esta, por

sua vez, deve ser combatida. No bojo desta idéia, a relação que se coloca equivale a uma relação de marginalidade e analfabetismo àquele sujeito tido/visto como iletrado. Outra metáfora apontada por Barton é a da visão do letramento como *um conjunto de habilidades de leitura e escrita*. Uma terceira metáfora, para ele, seria a visão de *letramento enquanto uma ecologia de escrita* em que, esta tecnologia seria usada para situar as atividades psicológicas em um contexto social mais complexo e dinâmico em que vários aspectos interagem. Desta forma, conceitua letramento em termos de uma atividade social em que ocorram práticas e eventos de letramento.

Os eventos de letramento se instalariam em situações nas quais a palavra escrita venha a ocupar lugar na vida diária de uma pessoa. Alguns exemplos podem ser referidos, alguém lendo uma historinha para criança, alguém lendo em voz alta uma passagem bíblica em um recinto religioso, em uma praça pública etc... No caso do primeiro exemplo, segundo o autor, se praticado com regularidade, se revestiria de importância pois, estaria, de alguma maneira, interferindo positivamente na formação de alguém letrado, no caso, a criança que estaria ouvindo a historinha. E isto pôde ser confirmado pelo trabalho de Heath:1983 cujos campos foram: Maintown, Tracktown e Roadville. Segundo a autora:

Eventos de letramento possuem regras interacionais sociais que regulam os tipos e a quantidade de fala sobre o que está escrito, e definem as maneiras através das quais a língua oral reforça, nega, amplia ou exclui material escrito. (op.cit:386)

Ambos os autores referidos, Barton e Heath, contribuem para o questionamento do *mito do letramento* existente em nossa sociedade letrada. A contribuição se coloca em termos dos subsídios para discussões acerca da prática social. Esta, por sua vez, entendida como as formas culturais através das quais, as pessoas passam a fazer uso do letramento em eventos em que se encontrem. Em conformidade com estudos realizados e, neste caso, além dos autores já mencionados, pode-se citar a pesquisa de Jung:1997 que detectou um descompasso entre as práticas sociais de letramento e os eventos de letramento no cenário de sala de aula em classe multisseriada, em região rural bilíngüe. Pereira: 1999 observou, igualmente, descompassos semelhantes em uma comunidade rural. Entretanto, este estudo será retomado em outro momento.

Na seqüência, Soares:1998, de acordo com o que fora anunciado no início, situa sua discussão sobre *letramento* buscando explicar etimologicamente a palavra. Assim, *literacy* é palavra oriunda do latim *littera* (letra), com o sufixo *cy* cuja sig-

nificação é denotadora de qualidade, condição ou estado. Na seqüência, a autora traz o constante no *Webster's Dictionary*, no qual há a seguinte definição: *the condition to being literate*, em que *literate* se traduz como educado. Desta forma, *literacy* seria a condição de tornar-se educado. Educação, entretanto, neste caso, equivale a dizer: *especially able to read and write*. Seguindo esta discussão, ser letrado, nesta perspectiva seria aquele sujeito que adquire a condição ou o estado de poder ler e escrever.

A autora tenta uma explicação para a importação do termo letramento para o português por entender que, a palavra de que dispúnhamos dicionarizada – *alfabetizar*, embora signifique a condição de tornar uma pessoa capaz de ler e escrever, não incorpora a mesma idéia do termo letramento. Mas, por que não? Certamente porque pressupõe uma atividade prática formal em que alguém ensina e outro aprender a leitura e a escrita. Letramento, conforme se pode abordar anteriormente na visão de Barton e Heath, tem uma relação aquém da condição de poder ler e escrever uma vez que pressupõe práticas e eventos e, estes, relacionam-se com as formas sociais partilhadas nos grupos socialmente constituídos. E a partir destas, os sujeitos passam a fazer usos diferentes com funções, igualmente diferentes no que tange à leitura e a escrita.

Finalmente, para Kleiman (op. cit.):

Uma criança que compreende quando um adulto lhe diz: "Olha o que a fada madrinha trouxe hoje!" está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas: assim, ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros como o de ouvir histórias na hora de dormir); também está aprendendo uma prática discursiva letrada, e portanto essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever. (Kleiman 1999:18)

A autora, nesta citação, traz aspectos abordados pelos anteriores. Em outras palavras, corrobora com Soares no que diz respeito à não similaridade entre letramento e alfabetização. Isto porque, entende que a criança do exemplo pode ser considerada letrada sem ter, ainda, adquirido a condição de poder ler e escrever, condição *sine qua non* para alguém ser visto como alfabetizado. Por outro lado, esta criança, ao estar exposta regularmente a evento de letramento, vai assimilando as práticas discursivas letradas que mais tarde, terão reflexos positivos na perspectiva da escola em suas futuras práticas de leitura e escrita em contexto formal.

Há em todos estes autores focalizados, uma abordagem social e

interacional permeando o conceito de letramento e, com base neste fator, que passo a abordar as inter-relações entre cenário de pesquisa na perspectiva do letramento.

3. Como vão se construindo as identidades destas crianças/adolescentes nas relações escolares?

De acordo com a primeira parte deste trabalho, explicitou-se um cenário da região oeste paranaense em que, por conta de uma política agrícola não muito bem definida, têm provocado ondas migratórias. Em um primeiro momento, de ida de brasileiros para áreas rurais no Paraguai. Dado que muitas das famílias, naquele país não encontraram o esperado, decidiram retornar ao Brasil. Os filhos entretanto, freqüentaram a escola naquele país. Destaca-se o fato de as crianças/adolescentes, serem brasileiros, falantes de português como primeira língua, embora alguns entendam alemão por conta da ascendência. No Paraguai, a escolarização ocorre em espanhol, língua oficial e veicular de instrução. Há uma outra língua praticada na escola: guarani. Entretanto, esta língua não ocupa o mesmo status visto que não é utilizada como veicular da instrução, ocorrendo somente em duas aulas semanais. Seu status é de segunda língua.

Para um melhor entendimento, há que se colocar, ainda que brevemente

te, alguns fatores lingüísticos e culturais referentes ao Paraguai.

Naquele país vizinho, desde a década de 70, as línguas espanhola e guarani passaram a categoria de línguas oficiais. Embora isto tenha acontecido, o guarani tem carregado uma história, de alguma forma, marcada pelo estigma de ser língua de menor valor. Algumas pesquisas têm mostrado isto e as mudanças de atitude que, ao longo do tempo, esta língua vem experimentando. Grosjean: 1982 traz parcialmente relatos de dois pesquisadores do contexto paraguaio e, através destes, torna evidenciada a mudança de atitude em relação ao guarani. Assim, Rubin, em 1968 revelou a seguinte atitude em relação ao espanhol e o guarani. Ambas as línguas eram vistas positivamente naquele período, embora, houvesse pessoas da classe alta que rejeitavam o guarani. Para estes, *esta língua não tinha valor produtivo, não tinha gramática e não servia para a expressão de conceitos abstratos. E a pessoa monolíngüe em guarani, era vista como menos “educada”, menos inteligente.* (p. 121)

Após um hiato temporal de vinte anos, Rhodes realiza outra pesquisa no Paraguai. Ocasão em que o guarani já ocupa o estatuto de língua oficial ao lado do espanhol. A atitude daqueles da classe alta muda e esta mudança se expressa da seguinte forma:

Enquanto há vinte anos atrás, segundo Rubin, o guarani era pensado como uma língua de baixo prestígio, que não seria usado por pessoas educadas e não seria pensado como língua de ensino, hoje, 78% dos informantes pensam que deve ser usado como língua de instrução; 82% julgam importante que os netos saibam guarani e 63% dizem que a pessoa, para ser considerada verdadeiramente paraguaia, deve saber falar o guarani. (Grosjean, 1982: 122)

Contudo, o guarani não tem ganhado o lugar esperado. Ou seja, está contemplado na questão da instrução, pois está na escola, entretanto, com somente duas aulas semanais e não como veículo para ensino de outras disciplinas como de matemática, geografia etc...

Outro ponto significativo para o entendimento daquele contexto coloca-se na relação entre brasileiros e paraguaios. Há uma relação de conflito de longa data, remonta, provavelmente, à guerra do Paraguai. Mas, embora haja tal conflito, sempre houve uma grande “liberdade” no que diz respeito a idas e vindas de brasileiros para o Paraguai e de paraguaios para o Brasil. E isto, historicamente, era feito via o rio que faz a divisa. Foi construída a ponte da Amizade em Foz do Iguaçu e este trânsito foi intensificado. A partir da construção da ponte, brasileiros não somente foram para

o Paraguai objetivando o trabalho rural. Há os que vão para aquele país para o trabalho no comércio e o fazem na cidade mais próxima – *Ciudad Del Este*. Esta cidade, por sua vez, recebe grande contingente de turistas e compristas. Dado o congestionamento de pessoas, carros e ônibus de turismo, a cidade tem um aspecto de um padrão higiênico baixo. Há muito lixo ao chão. E todos estes aspectos somados aos aspectos históricos já referidos, auxiliam na construção de uma imagem negativa dos brasileiros em relação aos paraguaios. Essas imagens têm reflexos na vida das crianças e adolescentes brasileiros que viveram no Paraguai.

Para discutir aspectos da construção da identidade destas crianças e adolescentes bem como, quanto aos fatores de letramento que perpassam no momento da escolarização dos mesmos, focalizarei duas crianças as quais darei o nome fictício de Ana e Alex. Iniciarei as considerações pela menina.

Ana iniciou sua escolarização no Paraguai. Sua família é de origem rural, e assim, sempre moraram em áreas

rurais nas quais as práticas de letramento forma sempre muito insipientes. Os eventos de letramento ocorriam em reuniões escolares, no clube comunitário em ocasiões especiais de reuniões e na igreja através do padre ou pastor. Os acessos aos materiais de leitura ocorriam via a escola e, neste, mais prontamente nos livros didáticos. Ana teve o português como sua primeira língua. E, no Paraguai, residindo em área rural, via o mesmo modelo se repetir, ou seja, escassez aos materiais de leitura e escrita tanto em português quanto em espanhol. Ouvia espanhol, guarani e português na área rural em que morava embora. Isto porque, naquela comunidade rural, há um grande número de brasileiros.

Ana estudou até a terceira série no Paraguai, hoje está em escola pública no Oeste do Paraná. Ao olhar o caderno da escola paraguaia, pode-se perceber a ausência de erros de escrita, sequer algum traço do português em sua escrita em espanhol. Como exemplo, pode-se observar a seguinte passagem de seu caderno:

Mi padre se llama Adrian y mi mamá Andrea.
El domingo fuimos a la quinta de mis padrinos. En la quinta hay un arroyo que corre entre piedras jugamos con barquitos de papel el barquito de Andrés el barquito de [el] ce llama Sandro El de Pedro dragón y el mio Drácula.

Tratava-se de uma atividade escolar nominada de ditado, portanto, tratava-se de um texto selecionado pela professora em que ela ia lendo pausadamente e as crianças deveriam escrever em seus cadernos. Após isto, a professora fez a correção olhando os cadernos das crianças. No de Ana apenas viu, anunciando ter corrigido a atividade. Na maior parte das atividades de escrita, no entanto, a professora escreveu excelente como avaliação do trabalho de Ana.

Ao olharmos, no entanto, para a escrita do ditado acima, a aluna esqueceu-se de marcar o texto com pontuação adequada, houve a elipse do pronome ele/[el] e, na seqüência, Ana escreveu erradamente o pronome reflexivo – ce/se.

Ao chegar na escola brasileira, fez uma prova para avaliar seus conhecimentos iniciais e foi considerada apta a prosseguir na mesma série, terceira. Nas primeiras aulas apresentou um pouco de dificuldade com a escrita do português. Em várias situações usava palavras do espanhol ao escrever português, principalmente quando precisava usar o conetivo “e” que o escrevia como “y”. Passados alguns meses, essa dificuldade foi sanada e continua tendo o mesmo grau de avaliação que tinha no Paraguai – excelente.

A outra experiência não é tão animadora quanto a de Ana. Alex foi para o Paraguai com seus pais e, a exemplo de Ana, lá iniciou sua escolarização. Ele é um ano mais velho que Ana. E,

ao voltar para o Brasil, não quis guardar nenhum caderno, nenhum livro, enfim, nada que lhe fizesse lembrar sua estada naquele país.

Também é aluno de terceira série e, ao chegar em uma escola pública onde passou a estudar no oeste paranaense, seus colegas sabiam de sua história de ter morado no Paraguai. Não o chamavam pelo nome, referiam-se a ele como *Alex Paraguai*. Sua atitude era sempre de defensiva, reiterava sempre que possível sua identidade de brasileiro dizendo “*eu só morei no Paraguai, eu sou brasileiro.*” Este mesmo menino, embora admitisse ter estudado no Paraguai, afirmava não ter aprendido nada do espanhol. Por muito tempo foi esta sua atitude. Entretanto, após algum tempo de acompanhamento pela pesquisadora em formação – Márcia Palharini, o mesmo perguntou-lhe porque, acima da lousa onde constava o alfabeto brasileiro, faltava a *i-griega*, ou seja, a letra y. Assim demonstrou ter tido algum tipo de conhecimento do espanhol via o Paraguai. Confessar isto, no entanto, poderia macular sua identidade brasileira. Sua atitude, apóia-se no que Goffman:1996 postula acerca da preservação da face. Em outras palavras, para evitar situações de constrangimento, o ator procura passar uma imagem positiva de si próprio para o outro. Certamente esta questão tem relação direta com a formação da identidade.

Não são somente estes os casos,

em nossa pesquisa há outros tão significativos quanto estes dois referidos, entretanto, para este momento parecem representativos razão porque, os demais não serão referidos.

Estes dois casos permitem retomar a discussão inicial sobre letramento enquanto práticas e eventos sociais. Pois, se considerarmos o caso de Ana, pode-se perceber que a mesma não tinha em sua casa, o hábito de ouvir de seus pais a leitura de histórias ou mesmo de outra prática de leitura. O ambiente era rural e desprovido de materiais para leitura exceto a escrita em produtos destinados à lavoura. Estes, entretanto, não eram lidos e, na maior parte das vezes um técnico rural faz “visitas” às áreas rurais e explica oralmente como tais produtos devem ser utilizados. Há, portanto, uma forte tradição oral. Apesar deste contexto pouco propício ao letramento na perspectiva das práticas e dos eventos sociais do meio rural de Ana, não tiveram reflexos negativos em seu processo de escolarização. Ela é o tipo de aluno que a escola categoriza como “ótimo aluno”.

Alex, por sua vez, embora apresente as mesmas características de Ana, oriundo de contexto rural, teve dificuldades no que diz respeito a sua escolarização ao ingressar na escola brasileira. Por outro lado, relatou ter sofrido castigos físicos na escola paraguaia. Tais castigos eram aplicados a alunos que não correspondiam satisfatoriamente às atividades esco-

lares propostas. Por vezes eram postos em pé em frente aos demais na sala de aula, às vezes o professor batia em suas mãos com um fio de luz. Alex manifestava sempre muito “medo” de professor. E esta sua atitude levou algum tempo até que percebesse que, na escola brasileira, estas atitudes não eram praticadas.

Não apresentarei uma conclusão definitiva porque vários outros pontos significativos não foram aqui discutidos. O que se pode considerar, finalmente, para este momento é que: a) a construção da identidade passa pelas representações sociais, que correm na interação com o outro; b) as questões de letramento representada pelas práticas e eventos sociais podem ter um impacto positivo na escolarização. Entretanto, tal impacto não somente poderá ser negativo, as possíveis carências de materiais de leitura e escrita podem ser supridas através das práticas escolares conforme se pode observar através da aluna Ana.

REFERÊNCIAS

- BARTON, D. **Literacy – An Introduction to the Ecology of Written Language**. Oxford. Blakwell. (1994)
- GOFFMAN, I. – **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Editora Vozes. Petrópolis. 1996
- JUNG, N.M. – **Eventos de Letramento em uma Escola Multisseriada de uma Comunidade Rural Bilíngüe (alemão/**

português). In: LEFFA, V. (compilador). *TELA (textos em Lingüística Aplicada)* [CD-Rom]. Pelotas. Educat. 2000

KLEIMAN, A (org.) – **Os Significados do Letramento**. Mercado de Letras. Campinas. 1999

PEREIRA, M.C. – **Naquela Comunidade Rural, os Adultos Falam “Alemão” e “Brasileiro”. Na Escola, as Crianças Aprendem Português**. Tese de doutorado defendida no IEL/UNICAMP. 1999

SOARES, M. – **Letramento – Um Tema em Três Gêneros**. Autêntica. Belo Horizonte. 1998